



ILAN BRENMAN

As 14 pérolas da
SABEDORIA JUDAICA

-
- Leitor fluente – 4º e 5º anos do Ensino Fundamental

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega
Elaboração: Tom Nóbrega



De Leitores e Asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”*



Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental têm como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que devessem ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “*não quer voltar*”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, decepção por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “*quer*” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.”
A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.



DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos linguísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- ✓ Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- ✓ Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- ✓ Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- ✓ Leitura global do texto.
- ✓ Caracterização da estrutura do texto.
- ✓ Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

c) depois da leitura

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- ✓ Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- ✓ Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- ✓ Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- ✓ Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- ✓ Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.

LEIA MAIS...

- ✓ do mesmo autor
- ✓ sobre o mesmo assunto
- ✓ sobre o mesmo gênero

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Ilan Brenman tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP, já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 50 livros publicados (além de vários no exterior), entre os quais *Até as princesas soltam pum* (Brinque-Book, 2008), seu *best-seller*. Muitas das suas obras ganharam selos de Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Para saber mais sobre o autor, acesse: www.bibliotecailanbrenman.com.

RESENHA

Um bobo da corte consegue escapar da ira de um califa graças a sua inventividade com as palavras. Um religioso rigoroso e severo interrompe seu *shabat* para salvar sua vaca, que se afogava; enquanto outro acaba por perdoar três jovens amigos pegos em flagrante tocando música, fumando e jogando xadrez em pleno sábado. Um rabino se surpreende ao se dispor a caminhar até Varsóvia e encontrar uma cidade exatamente igual à sua cidade natal; enquanto outro cria reboliço na cidade ao dizer a um grupo de garotos que havia encontrado um monstro de sete patas e sete olhos em plena sinagoga. Um garoto tenta compreender por que não lhe cresce a barba; enquanto um sapateiro, sem perceber, esconde em seu sofá ninguém mais ninguém menos do que o famoso Napoleão Bonaparte. Um grupo de estudantes da escola de textos sagrados judaicos é levado, a contragosto, para fazer parte do exército russo; enquanto dois filósofos tentam compreender por que Deus teria dotado os pássaros de asas, mas as vacas não. Um sábio ancião não se sente no lugar de honra que lhe havia sido reservado pelo rei Salomão; enquanto um rabino se sente incomodado por sentar-se ao lado de um mero açougueiro no jardim do Éden. Há quem precise compreender que o excesso de ascetismo pode ser uma espécie de soberba e que o Paraíso existe dentro do peito dos grandes sábios.

Em *14 pérolas da tradição judaica*, Ilan Brenman divide com os seus leitores uma série de narrativas oriundas de diversas partes do mundo, todas elas pertencentes à tradição judaica. No texto de abertura, o autor revela que pesquisar e recontar esses contos foi também uma maneira de mergulhar em suas raízes, já que tanto ele quanto a ilustradora do livro, Ionit Zilberman, são israelenses naturalizados brasileiros.

O humor é um elemento essencial na maior parte das narrativas do livro – como diz Ilan Brenman, a capacidade de rir de si mesmo é um elemento vital tanto para alcançar a verdadeira sabedoria quanto para permitir que um povo sobreviva a momentos tão difíceis quanto a diáspora, o deserto e a perseguição. Esses contos nos ensinam que um autêntico sábio deve ser humilde e despretensioso, flexível e astuto o suficiente para lidar com a variedade de situações que lhe são apresentadas; deve também não se aferrar a seus princípios e à sua autoridade de modo estático ou rígidos.

QUADRO SÍNTESE

Gênero: contos tradicionais.

Palavras-chave: judaísmo, sabedoria, humor, humildade, ingenuidade, inventividade.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, Geografia, História.

Competências Gerais da BNCC: 3. Repertório cultural.

Temas contemporâneos tratados de forma transversal: Diversidade cultural.

Público-alvo: Leitor fluente (4º e 5º anos do Ensino Fundamental).

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) Antes da leitura

1. Revele aos alunos o título do livro. O que eles sabem a respeito da cultura judaica? O que será que a palavra “pérolas” quer dizer nesse contexto? Mostre aos alunos a capa do livro. Informe a eles que o homem de barba branca que aparece na imagem está usando um traje característico dos judeus ortodoxos.

2. Caso haja algum aluno judeu, pergunte a ele se gostaria de convidar alguém de sua família ou um conhecido para falar das tradições judaicas com a turma. Para introduzir o tema, vale a pena assistir com eles a um vídeo introdutório sobre o assunto, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=A2maFJclzEc>> (acesso em: 30 mar. 2020). Sugerimos também a leitura em classe de algumas passagens do capítulo dedicado ao judaísmo do *Livro das religiões*, de Jostein Gaarder, Victor Hellern e Henry Notaker, publicado pela Companhia de Bolso.

3. Leia com as crianças o texto da quarta capa. Será que os alunos sabem o que é uma parábola? Proponha que pesquisem o sentido da palavra no dicionário. Algum deles já ouviu falar no rei Salomão, personagem bíblico?

4. Veja se os alunos notam os misteriosos objetos inscritos com símbolos na imagem da quarta capa. Esclareça que se trata do alfabeto hebraico e apresente a eles as 22 letras desse alfabeto, disponível em: <<https://pt.wikibooks.org/wiki/Hebraico/Alfabeto>> (acesso em: 30 mar. 2020) e desafie-os a descobrir o nome das letras que aparecem

na ilustração: Shin, He, Alef, Bet, Gimel, Nun. Comente com eles que o alfabeto hebraico possui apenas consoantes, e não vogais, e que as palavras são lidas da direita para a esquerda, ao contrário do nosso. Se as crianças fossem escrever seu nome transliterado no alfabeto hebraico, como ele ficaria?

5. Mostre aos alunos o sumário do livro. Quais dos títulos lhes despertam maior curiosidade? Será que as crianças sabem o que é um bobo da corte? E um rabino?

6. Leia com a turma a introdução do livro, que lhes trará uma série de informações importantes para contextualizar os textos que estão prestes a ler. O autor comenta como as narrativas tiveram um papel importante na história de perambulação e perseguição do povo judeu e em sua busca incessante da Terra Prometida. Apresente aos alunos o conceito de diáspora.

b) Durante a leitura

1. Como as narrativas do livro são independentes entre si, sugira que os alunos utilizem o sumário para realizar a leitura dos contos na ordem que desejarem, começando por aqueles que lhes despertarem maior curiosidade.

2. Por conta da diáspora judaica, as narrativas do livro transcorrem em diferentes partes do mundo, como o Oriente Médio, a Rússia e o Leste Europeu. Diga aos alunos que tomem nota de todos os nomes de cidades e países mencionados nos contos e procurem a sua localização com a ajuda de um aplicativo como o Google Maps. Estimule-os também a encontrar imagens e informações a respeito desses lugares na internet. Quantos habitantes têm atualmente? Qual é o seu clima? Esses dados podem render um belo mural.

3. No texto de abertura, Ilan Brenman aponta, como principais características das narrativas judaicas, “o humanismo, isto é, a reafirmação constante da beleza da vida e de sua preservação; e o humor, sendo a capacidade de rir de si mesmo e de suas mazelas, uma forma sábia de suportar as mais impensáveis agruras”. Proponha aos alunos que procurem reconhecer essas características nos contos do livro.

4. Diga aos alunos que prestem atenção às ocasionais palavras em itálico, que indicam palavras e/ou expressões em hebraico.

5. Estimule os alunos a reconhecer os personagens retratados em cada ilustração. De que maneira a ilustradora explora os efeitos de proximidade e distância, fazendo com que alguns personagens apareçam em primeiro plano em relação aos demais?

c) Depois da leitura

1. A sabedoria judaica, além de se expressar por meio de histórias e parábolas, também é famosa por seus provérbios: ditados simples, quase sempre concretos, que expressam a sabedoria da tradição local de maneira sucinta, concisa e facilmente memorizável.

Prepare uma pequena coletânea de provérbios judaicos (muitas vezes bem-humorados) para os alunos – é possível encontrar muito deles no *link* <https://www.pensador.com/proverbios_judaicos/> (acesso em: 30 mar. 2020). Organize uma roda de conversa para especular a respeito de seus significados.

2. Uma das narrativas mais divertidas do livro é certamente *O sábio de Chelm*, na página 12. Ilan Brenman termina de contar a história despertando a nossa curiosidade, dizendo que, “por anos, o rabino Michel ficou com seu segredo bem guardado, não querendo magoar sua nova família de Varsóvia, mas um dia, sentindo muita falta de sua verdadeira família e cidade, decidiu voltar à Chelm. Mas essa já é outra aventura”. Desafie os alunos, autonomamente ou em duplas, a escrever uma história imaginando o que aconteceu quando Michel decidiu empreender essa nova viagem.

3. Em *A lição e o imperador*, um sapateiro judeu, sem se dar conta do que está fazendo, salva a vida de Napoleão Bonaparte, que fugia do exército russo. Para que os alunos saibam um pouco mais a respeito desse célebre personagem histórico francês, assista com a turma a este vídeo do canal do YouTube “Nerdologia” a respeito de sua trajetória: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZK5vwrLthl0>> (acesso em: 30 mar. 2020).

4. O conto *Por que vaca não voa?*, em que dois rabinos se indagam sobre o motivo de os pássaros terem asas, mas não as vacas, lembra o livro *A reforma da natureza*, de Monteiro Lobato, em que a boneca Emília propõe uma série de mudanças algo desconjuntadas na ordem das coisas. Selecione alguns fragmentos da obra para ler com a turma. Em seguida, proponha que as crianças, em pequenos grupos, imaginem que têm o poder de mudar o que quiserem na ordem do Universo. Se eles pudessem fazer reformas na natureza, o que transformariam? Que vantagens e que problemas poderiam surgir dessas mutações?

5. A narrativa *Quem inventou as parábolas?*, na página 37, é uma parábola envolvendo o rei Salomão, que, segundo Ilan Brenman, teria sido o responsável por criar essas narrativas figuradas “para auxiliar a compreensão da Torá (“ensinamento”, em hebraico), que é a Bíblia hebraica”. Leia com a turma uma das parábolas mais conhecidas da Torá, *A raposa e a vinha*, disponível em: <https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/660037/jewish/A-Raposa-e-a-Vinha.htm> (acesso em: 30 mar. 2020).

6. O autor intitula a narrativa da página 38 de *Uma história zen judaica*. Para que os alunos saibam um pouco mais a respeito do universo zen budista, de modo a compreender o paralelo feito por Brenman, leia para eles dois *koan* zen, pequenos diálogos narrativos que, ao modo dos contos judaicos, também procuram despertar a reflexão e trazer à consciência questões fundamentais, disponível em: <<https://www.revistapazes.com/7-koans-mente/>> (acesso em 30 mar. 2020). Sugerimos que trabalhe com o *koan* 1 e o *koan* 2 que aparecem nessa página da *web*.

LEIA MAIS... **do mesmo autor**

As 14 pérolas da sabedoria sufi. São Paulo: Moderna.

A sabedoria do califa. São Paulo: Moderna.

O homem dos figos. São Paulo: Moderna.

Cavalo de Troia, a origem. São Paulo: Moderna.

O alvo. São Paulo: Moderna.

O que a terra está falando? São Paulo: Moderna.

do mesmo gênero

Joty, o tamanduá, de Vangri Kaygang. São Paulo: Global.

Contos budistas, de Sherab Chozdin. São Paulo: Martins Fontes.

Karu taru: o pequeno pajé, de Daniel Munduruku. Porto Alegre: Edelbra.

Xangô, o trovão, de Reginaldo Prandi. São Paulo: Companhia das Letrinhas.



LEITURA EM FAMÍLIA

A leitura, quando não é estimulada no ambiente familiar, acaba sendo percebida pelas crianças como uma prática essencialmente escolar. No entanto, estudos revelam que, se pais, avós, tios, padrinhos leem em voz alta com os pequenos e conversam a respeito do conteúdo lido, essas vivências ajudam as crianças a gostar de livros, aguçam a criatividade e diversificam sua experiência de mundo.

É por acreditar que a leitura deve ser vivenciada regularmente não apenas na escola que a Moderna desenvolve o programa "Leitura em família", para proporcionar uma interação cada vez maior com os filhos e se integrar mais com a escola na missão de educar.

No final do livro, é possível encontrar o *link* com sugestões para aproveitar o máximo desta obra em família.

Reforce essa ideia com a família de seus alunos!

